

ROSE LIMA – Diretora Artística do Teatro Castro Alves

Graduada em Arquitetura pela UFBA, pós-graduada em design de produto pela UNEB, mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (pós-cultura) e Diretora Artística do Teatro Castro Alves (TCA).

1. Quem é Rose Lima?

Sou arquiteta formada pela Universidade Federal da Bahia, tenho pós-graduação em design de produto pela UNEB e atualmente sou mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (pós-cultura). Trabalho no Teatro Castro Alves há sete anos, sou diretora artística do complexo com muito prazer. Comecei a trabalhar com cultura no *Mercado Cultural*, com Ruy Cezar.

2. Como você avalia as políticas culturais e o mercado para cultura na Bahia nos últimos anos?

Eu acho que a gente teve uma grande mudança em 2007. Primeiro não existia uma Secretaria de Cultura. Existia uma Secretaria de Turismo e um “apêndicezinho” da secretaria de cultura. Então eu vivi um pouco esse momento de início. E o que a gente viu foi uma secretaria sendo criada, com Marcio Meirelles à frente, com muito desafio, porque na verdade foi desmembrada uma secretaria em duas, mas sem um contingente de pessoas para trabalhar nessas secretarias, e aí eu me detenho só à Secretaria de Cultura, que é a que eu conheço. Eu acho que teve um bom começo, contudo com um *déficit* de pessoas trabalhando dentro da Secretaria. O que eu vi nesse primeiro momento foi um grande desejo de mudanças, de rompimento com várias estruturas que já estavam estabelecidas para a criação de novas políticas culturais, de um novo momento, mas com muita dificuldade. O secretário de cultura nessa época, Marcio Meirelles, entra também querendo democratizar mais o processo, e aí vem o surgimento dos editais e de vários outros mecanismos para que tudo se tornasse mais democrático, mais transparente. Então eu acho que essa foi uma ruptura muito grande. No primeiro momento você vê que houve uma retração das pessoas. Houve de outro lado, um grande crescimento de pessoas mais jovens que começaram a trabalhar com cultura e que começaram a ter mais acesso também através dos editais. Então só daqui a uns dez anos a gente vai poder sentar e ver como as coisas aconteceram, como foram se estabilizando, porque os quatro primeiros anos, de 2007 a 2011, realmente foi uma grande movimentação, onde as pessoas também não estavam acostumadas aos mecanismos. As pessoas foram se qualificando também na forma de trabalhar. Digamos que a área de cultura passava por uma informalidade grande demais. Não que isso refletisse no trabalho artístico, mas isso era uma realidade. O que a gente viu foram pessoas se especializando mais e a cadeia da cultura também foi se profissionalizando.

3. E quanto aos espaços culturais de Salvador? Quais as principais carências?

Bom, a gente vê (vou fazer uma análise mais superficial) quantidade de público. Temos o Teatro Castro Alves que tem 1.554 lugares, aí você tem a Sala do Coro, que tem 200 lugares e a Concha, que tem 5.620 lugares. Então passamos para outros teatros, o Módulo, o Jorge Amado, que têm em torno de 400 lugares, e a partir daí você vai para teatros menores, tão interessantes quanto os outros, porém com uma capacidade de público de 200 a 100 lugares. Eu vejo que existe uma carência aí. Um *delay* entre os teatros de 400 lugares e de 1.500 lugares. Eu acho que há uma carência de espaço para um teatro de 800 a 1.000 lugares, porque às vezes você tem a necessidade de fazer algo intimista, que um teatro de 1.500 lugares não possibilita, e, para viabilizar economicamente a venda de bilhetes, um teatro maior do que 400 lugares. Existe uma carência de mais casas e a necessidade de espaços criados, arquitetados para teatro. Às vezes a gente vê muita improvisação e eu acho que é necessário um pouco de profissionalismo também na estrutura dos teatros.

4. Qual a importância de um equipamento cultural como o TCA? Fale um pouco sobre cada espaço do complexo.

A Concha Acústica tem 5.620 lugares. É um espaço aberto, onde a gente não tem uma cobertura da plateia completa e intencionalmente ele é assim, uma área de arena onde a gente tem grandes espetáculos musicais, principalmente, mas também é um espaço que se presta a outras linguagens. Por exemplo, temos todos os anos o espetáculo da *Paixão de Cristo* e já tivemos outros espetáculos também, orquestra sinfônica e orquestra da OSESP, ou seja, é um espaço também de múltiplo uso, mas, por uma questão técnica e de infraestrutura do espaço, ele se presta mais a espetáculos musicais. Eu o considero de grande importância para a cidade porque é o único com essa capacidade, como equipamento formal. Claro que você tem outros espaços na cidade que se prestam a esse fim, mas são espaços informais. Por exemplo, o *Wet'n Wild* é um lugar de festa, de fazer grandes shows e tal, mas não é um espaço preparado para esse uso. Então temos nossa Concha Acústica, uma Concha querida por todos os artistas. Quando eles fazem shows, ficam delirando, porque quando está toda cheia é uma parede de gente em frente ao artista. É um espaço que muitas vezes a gente tem shows com a possibilidade de formação. Tínhamos o *Sua Nota é um Show*, que era uma proposta muito legal para a educação da população em pedir nota fiscal e com essas notas fiscais tinha a troca por ingresso. A Sala do Coro é uma sala para 200 pessoas e é uma sala, digamos, da experimentação do teatro. Ela é usada para multilinguagem também, mas é bastante utilizada para teatro e para produções da Bahia. No espaço da Sala do Coro, a gente tem um edital, que é o edital TCA.Núcleo. É um edital que existe há 19 anos e este ano teve uma grande mudança. Durante 18 anos a gente teve um edital para montagem de espetáculo. Antes o diretor do TCA convidava um diretor de teatro para montar uma peça dentro do teatro Castro Alves. A partir de 2007, o teatro lançou um edital, ou seja, o diretor do teatro abre mão de poder convidar alguém. Através do edital, quaisquer diretores de teatro da cidade, junto com o produtor, se inscrevem e fazem uma proposta para a montagem do teatro. Então aí já www.producaoculturalba.net

começa uma política cultural mais democrática. Esse ano, por conta da reforma do teatro e também com um desejo de sacudir o Núcleo, a gente resolveu fazer uma grande mudança. Essa mudança foi transformar o edital, em vez de ser um edital de montagem de espetáculo, ele passou a ser um edital de ocupação. Temos também a Sala Principal. A Sala Principal do Teatro Castro Alves é um espaço com 1.554 lugares. É um espaço multilinguagens. A gente recebe teatro, circo, ópera, música, orquestra, dança. É uma sala realmente maravilhosa. O complexo todo tem em torno de 500 espetáculos por ano, então é uma quantidade bastante razoável. A pauta da sala principal - enquanto a média dos teatros de médio porte no país é de 16, 18 espetáculos por mês, temos uma média de 21 espetáculos por mês. Então realmente é uma ocupação enorme da sala, em termos de quantidade de eventos por mês.

5. Como é feita a programação artística do TCA? Existe uma preocupação em relação à inserção de diferentes linguagens?

Sim, existe uma preocupação na inserção de diferentes linguagens. Não só de diferentes linguagens, mas que possam abrigar diversos públicos também. Não somente públicos por linguagens, mas públicos por categorias sociais, então, por isso mesmo, foi criado o *Domingo no TCA*, onde uma vez por mês temos, às 11h da manhã, o projeto a R\$1,00. Então isso atrai o público, um público completamente diferente no teatro. Quanto à programação artística, temos dois grandes blocos. A programação que é traçada através da procura de produtores e artistas pela pauta do teatro, então a gente faz o aluguel da pauta. E os projetos próprios do teatro. Temos dois corpos estáveis. Nós temos o balé (BTCA) e a orquestra sinfônica (OSBA). Temos um corpo residente que é o NEOJIBA. Que reside no teatro com seus quase 300 participantes. Dessa forma, a programação é traçada como um misto para atender a essas duas demandas.

6. No momento de pensar um novo projeto para o TCA, quais os principais aspectos levados em consideração? Quais as principais demandas que o projeto do Novo TCA pretende suprir?

Esse é um teatro que foi construído na década de 1950, quando ele estava para ser inaugurado, pegou fogo uma semana antes. Todo mundo conhece essa história. Depois ele passou nove anos para ser reconstruído. O projeto é do Bina Fonyat e do Humberto Lopes, é um projeto realmente de vanguarda. Eu adoro uma foto onde aparece o teatro na sua forma supermodernista e o perfil das casas da ladeira da fonte. Parece que você está em séculos completamente diferentes. É bem emblemático. Enquanto arquitetura ele já tinha uma vanguarda enorme para a época em que foi criado. Ele ficou durante esses nove anos, sem nenhuma atividade na sala principal, mas tinha outras atividades, por exemplo, na concha. E a classe artística também ocupou o teatro em alguns momentos, inclusive a Lina Bo Bardi, que é uma arquiteta italiana super conhecida, super importante na área da cultura, que também fundou, digamos assim, o museu de arte moderna no foyer do Teatro Castro Alves. Então durante muito tempo, o foyer do TCA, que foi uma parte que não pegou fogo, foi utilizado como museu de arte moderna e depois desceu para onde hoje é o Museu de Arte Moderna da Bahia www.producaoculturalba.net

(MAM). Também foram feitas algumas peças de teatro dentro do teatro enquanto ele se encontrava em escombros, ou seja, ele não deixou de ter uma vida aqui dentro, embora, é claro, ele não operasse como teatro normalmente. O teatro foi criado nessa época específica e, é claro, que a cidade foi crescendo, as atividades artísticas também foram se desenvolvendo, os artistas da cidade, e chegou a um ponto que a gente sente que o teatro necessita de mudanças, não só mudanças estruturais, no que diz respeito à qualidade, à modernização da questão da estrutura, da estrutura de som, da estrutura de iluminação, mas também de conceitos. Hoje em dia o pulmão da reforma do Novo TCA se chama Centro Técnico, então o Centro Técnico, que antes era uma coisa que estava lá embaixo para bater prego de vez em quando, ele, nessa reforma, realmente tem um sentido muito grande e passa a ter o status de Centro de Referência de Engenharia do Espetáculo, sendo um espaço para fomentar essa engenharia do espetáculo e incentivar também a profissionalização dessas pessoas. Hoje em dia você já pode entrar no blog do Centro Técnico, no site do TCA, e se você quer saber como é que se corta uma gola rolê para fazer uma peça de teatro, você vai lá e tem um passo-a-passo, com fotos e tudo o mais. Ele se constitui como um espaço de formação, de informação e de troca de experiências. Realmente, o Centro Técnico tem esse peso dentro dessa reforma e a gente viu que existe a necessidade de melhorias enormes. Então a gente passa a ter um laboratório cenográfico, no qual você tem dimensões onde pode ser montado o cenário de uma peça para serem desenvolvidas e testadas algumas particularidades dessa montagem. Além disso, uma grande biblioteca para os estudos, para a guarda de livros, de apostilas, para pesquisa e tem também a questão da área de cenário e figurino. Hoje em dia, a gente já tem quase 5000 peças de figurino, onde as pessoas podem pesquisar como é que foi feito o figurino daquela peça, pode haver empréstimos também e cópias. Fora isso, na Concha Acústica a gente tem a necessidade de fazer uma reforma grande na área dos camarins que não atendem mais às necessidades das produções que por aqui passam. É necessário também reformar os camarotes, porque camarote na época em que a concha foi construída eram quatinhos onde cabiam 20 pessoas e numa época institucional onde apenas os secretários e o governador podiam assistir. Hoje em dia a gente vê que os camarotes têm outra função, tem o desenvolvimento mesmo da questão das relações públicas que os produtores fazem com seus patrocinadores, a gente precisa ter camarotes que possibilitem esses encontros, que contemplem essas novas relações que foram construídas com o decorrer do tempo. Fora isso, a concha vai receber um novo urdimento, que é aquela grande passarela para pendurar a parte de som, de luz, com maior facilidade. O teatro tem 46 anos de atividade artística, de construído, tem quase 55 anos, mas quando foi construído não havia nada em volta, agora existe uma quantidade enorme de construções, o bairro cresceu muito. Então a gente tem a necessidade também de construir um estacionamento, vai ser construído um prédio de estacionamento para 300 vagas, que pelo menos dá conta da atividade da sala principal. Temos também no Novo TCA a construção de uma sala orquestral, uma sala de concertos. Nós temos um corpo estável aqui que é a Orquestra Sinfônica da Bahia e a gente sabe que todas as orquestras necessitam de um espaço onde elas possam ensaiar e se www.producaoculturalba.net

apresentar. Hoje em dia a OSBA ensaia na sua sala de ensaios e se apresenta na sala principal, mas, com a sala de orquestra, você vai poder dinamizar mais ainda a linguagem da música orquestral. Também sentimos que nesses últimos anos houve um crescimento muito grande da área orquestral, com o surgimento do NEOJIBA, com o surgimento de outras orquestras, como a Rumpilezz, a Orquestra Sanfônica, Afro-Sinfônica, então esse espaço é necessário dentro da cidade. E a sala principal, a gente precisa realmente fazer alguns *inputs*, não só estruturais e de arquitetura, como troca de cadeiras e de carpete, mas também forro e outras necessidades mesmo para modernizar a sala.

7. Qual é a sua opinião sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais?

É um teatro público, então a gente sabe também que em alguns momentos é necessário criar possibilidades onde a própria comunidade possa conhecer o teatro, possa entrar nesse teatro e possa usufruir e fruir de uma atividade artística aqui dentro e que muitas vezes não pode pagar. No momento em que foi criado o *Domingo no TCA* ele teve uma função muito grande. Quando houve essa mudança, de mentalidade mesmo, mudança de governo, mudança de secretaria e tudo mais, a gente estabeleceu algumas metas para mudanças do teatro com relação ao público. E uma das mudanças era a de tirar a imagem de elefante branco, tirar a imagem elitista que o teatro tinha, não só imagem, mas realmente proporcionar uma programação que pudesse atrair mais esse público para conhecer o teatro. Então a gente já tinha normalmente as atividades de orquestra e ballet com valores simbólicos, mas não tinha para outras linguagens. Então foi criado o *Domingo no TCA*, que é o projeto a um real, onze horas da manhã, uma vez por mês e que a pessoa precisa pegar fila. Não tem a possibilidade de comprar o bilhete antes para vir depois, então isso já gera uma determinada plateia que se dispõe a vir, pegar uma fila, pagar na hora, para poder entrar. Isso ajuda a eliminar também os cambistas, porque nos dois primeiros eventos a gente vendeu antecipadamente e eles compravam a um real e vendiam a 15 reais, o que é um absurdo porque eles estão ganhando dinheiro ilegal e porque estão tirando a possibilidade de alguém pagar e assistir um espetáculo por um real. Depois dessa segunda apresentação a gente transformou nesse sistema que até hoje perdura, que é o de a pessoa ficar na fila, pagar um real - ou cinquenta centavos, se tiver direito à meia-entrada, para idosos e estudantes - e ter acesso ao teatro diretamente. E a gente acabou provando que existe público para isso, pois quase todas as atividades do Domingo no TCA são lotadas e esgotadas. Às vezes a gente tem que fazer duas sessões, porque tem um público enorme esperando. É um projeto que realmente nós nos orgulhamos muito. Ele não é totalmente gratuito, mas é um valor simbólico. E por que ser um valor simbólico e não a gratuidade? Porque a gente entende também que tem a questão da liturgia, você vai pagar pelo espetáculo, então você vai pagar um real para entrar em um espetáculo, então é importante cumprir essa liturgia de você estar pagando também pelo espetáculo. Eu acho que, no caso do TCA especificamente, somos um teatro público, se estamos querendo montar aquele espetáculo, nós não estamos necessariamente querendo ganhar dinheiro em cima dele. Então se temos a possibilidade de fazer um custo muito barato eu acho perfeitamente normal, www.producaoculturaliba.net

porque tem muita gente que nunca entrou em um teatro, nunca apreciou um espetáculo, nem aqui, nem em outro lugar, portanto é função do estado poder dar esse acesso, poder incentivar as pessoas a entrarem em um teatro, participar de um espetáculo.

8. E quanto à distribuição de cortesias, como funciona no TCA? (qual o percentual de convites e para quem são distribuídos)

A gente tem uma cota de cortesias. São 120 cativos, dos 120 cativos a gente tem 50% dessa quantidade que vai para o estado, para os secretários do estado e os outros 60 ingressos são distribuídos entre Fundação Cultural, Secretaria de Cultura e TCA. Tem também uma parte de cortesias que é da produção do evento. O produtor do evento tem direito a 170 convites para eventos com um dia só.

9. E sobre a política da meia-entrada em Salvador? Em média qual o percentual de meia-entrada no TCA?

A questão das meias-entradas é um problema, porque o teatro é público. Às vezes chega aqui um produtor ou o público em geral perguntando por que não faz um promocional, por que não faz uma casadinha, por que isso, por que aquilo. Mas o Teatro tem que seguir as leis, e a lei da meia é clara. Existe a lei da meia e só pode ser feita daquela forma. No momento em que você faz um promocional todas as meias são calculadas em cima do preço da menor inteira. A fiscalização no TCA acontece na portaria. Chegou, não tem meia, volta. Vai para bilheteria, compra o complemento da meia e volta para entrar no teatro. É bem rígido. Os estudantes têm que apresentar na portaria a comprovação de que é estudante para poder ter direito à meia. A gente sabe que tem uma grande 'descaração' nessa questão da meia, que na verdade não está na carteira que é apresentada, porque em geral a carteira é verdadeira, o mal dela está na nascença. A gente sabe que tem muitas carteiras que são produzidas com a nascença falsa, mas a carteira apresentada na bilheteria do teatro ela é verdadeira. Não tem como não aceitarmos. É preciso haver mudanças grandes e profundas na lei da meia, isso tudo a gente concorda, mas a gente tem que aplicar a lei. Na sala principal a gente tem em torno de 65% de meia, já na concha a gente tem em torno de 75% de meia. A gente às vezes fica tentando analisar os públicos e tal. Quando é um público onde há uma atração maior para a maior idade a gente sente que é muita meia mesmo, não tem jeito. E quando é um público também onde a atração é maior para estudantes também tem uma grande quantidade de meia. Já existe rolando no senado a discussão para o estabelecimento de uma cota de 40% de meia-entrada, já passou em algumas instâncias. Somente 40% dos ingressos da concha vão poder ser meia-entrada, a partir daí, todos os ingressos serão vendidos como inteira, independente de você ser estudante ou não você vai pagar inteira. Isso será uma forma de colaborar com os produtores. É porque os produtores, por outro lado, acabam calculando o valor da inteira já sabendo que vai ter muita meia. Ou seja, uma pessoa que paga inteira vai pagar um preço muito alto. Então acho que também vai servir para ter um ajuste no valor dos bilhetes, porque aqui no TCA, o valor do ingresso é estabelecido pelo produtor. Se você observar o que é da casa e o que é de www.producaoculturaliba.net

produção externa, o da casa tem um valor muito mais acessível. Tem a *Série TCA*, que é uma série internacional onde os preços dos ingressos custam sempre muito menos do que nos outros estados. Existe uma subvenção do estado. O Estado é consultado e paga uma parte desse valor para poder criar essa possibilidade de trazer espetáculos internacionais para a *Série TCA*. Então a gente tem um Yo-Yo Ma onde o valor mais caro do ingresso foi de R\$ 100,00. Agora se Bethânia vai custar R\$ 280,00 e tal, isso é estabelecido pelo produtor, porque é claro, é ele que sabe os custos que tem para realizar o espetáculo.

10. Qual a situação atual dos corpos estáveis do TCA, o BTCA e a OSBA? Quais as principais dificuldades na gestão desses corpos? E qual é a sua opinião sobre a manutenção de cada um desses corpos pelo estado?

O TCA criou a 30 anos dois corpos estáveis. Uma orquestra, que é a Orquestra Sinfônica da Bahia, e um corpo de baile, que é o Balé Teatro Castro Alves. Quando esses dois corpos foram criados, principalmente para incentivar a dança e a orquestra na Bahia e servir de referência para toda uma população artística, eles não pensaram muito em como eles seriam 30 anos depois. Então foi feito concurso. A entrada de funcionários-artistas nesses dois corpos estáveis foi feita através de concurso público e eles foram contratados como bailarinos e como músicos. Depois de 30 anos, aquela pessoa que entrou com 20, 25 anos, tem 50, 55 anos. E aí também o corpo muda de conceito e tem que mudar de conceito, porque ele não tem mais a virtuosidade dos 20 anos, e, sim, ele pode e está fazendo, como a gente está provando, um bom programa artístico, mas para corpos maduros. Passamos um tempo debatendo e então entramos nesse caminho artístico de criar coreografias para corpos maduros e, por isso mesmo, estamos tendo um bom desempenho, mas, efetivamente, é uma preocupação que nós temos. Primeiro porque não temos condições de abrir agora um concurso, porque o estado não está fazendo concurso, mas precisamos de resoluções. É concurso? É organização social? O que é que vai gerir esses corpos estáveis? No caso da Orquestra Sinfônica a gente fez um seminário (Seminário.OSBA) que começou em dezembro e nós estamos tendo várias reuniões estudando a questão artística, mas a questão principalmente administrativa, funcional. Tivemos também um estudo grande em relação ao BTCA e nós estamos agora debatendo quais são as soluções que podem ser criadas. Se for concurso para bailarino, ele tem que ser um concurso com um plano de carreira estabelecido. Ele tem que ter um plano onde ele entre e possa dançar dos 20 aos 35, dando exemplo do Grupo Corpo, onde o bailarino dança até os 35. A partir daí ele vai fazer o quê? Virar professor de ballet? Vai desenvolver atividades administrativas? Atividades formativas? Vai ser cenógrafo, cenotécnico de ballet? Então, tem que ter um plano. O que não pode é ser como está. A pessoa entra e vai ser bailarina até se aposentar? Muitos têm condições, outros não. É preciso ter um planejamento da vida dessas pessoas. A vida dessas pessoas é a vida saudável do Estado, não é? Porque o Estado não pode ter um bailarino que não possa dançar. E vai manter? E vai pagar? Então são questões que agora a gente tem se aprofundado para poder apontar soluções.

11. Qual a importância de projetos como a Série TCA e o Domingo no TCA? Quais seus principais diferenciais?

A *Série TCA* é um projeto para o incentivo da vinda de grandes grupos internacionais para apresentação no Teatro Castro Alves. Tem uma importância enorme, que é realmente a inserção da cidade dentro desse panorama artístico internacional. É importante que venham para aqui, quer seja para um intercâmbio, para que as pessoas possam conhecer, que os artistas possam interagir, a importância é vital. Durante muito tempo, a *Série* trazia grandes orquestras, grandes balés e tal, o que a gente percebeu primeiro foi uma vontade e necessidade de tornar essa programação mais contemporânea, ou seja, a possibilidade também de inserir novas linguagens. Hoje em dia a gente tem teatro, jazz, danças, outras linguagens. A gente tem também um público, que é um público, digamos, A e B, mas a gente tem formação de plateia também. Então muitas vezes a gente traz os meninos que estudam na Escola de Dança da Fundação Cultural, a gente tem o pessoal do NEOJIBA também que assiste aos espetáculos de orquestra, então, tem uma possibilidade de compartilhar mais a *Série TCA* com outros públicos. Já o *Domingo no TCA* tem outro foco, que eu já falei um pouco, um foco realmente em um público que, não raras vezes, entra pela primeira vez no Teatro Castro Alves. É um teatro da sua terra, é um teatro seu, é um teatro público. O *Domingo no TCA* tem essa função em relação às atividades artísticas. Por exemplo, a gente sempre tem o cuidado de ter uma programação, onde sejam artistas que estejam no momento fazendo turnê ou fazendo temporada ou saindo de uma grande temporada, para que já esteja no inconsciente coletivo o desejo de assistir aquela peça de teatro. Por exemplo, a gente nunca vai ter no *Domingo no TCA* uma peça que é maravilhosa, mas que é muito erudita ou que ainda não foi apresentada, porque ela tem que criar na cidade o desejo de assistir, entendeu? Então, os públicos são bem diferentes para os dois projetos.

12. Como é feita a escolha dos espetáculos para esses projetos? Existe a predominância de uma linguagem artística?

Na programação da *Série TCA*, os produtores internacionais enviam para a gente possibilidades de shows. A gente também se conecta com eles, sugere, cai no campo para tentar trazer coisas mais diferentes e mais interessantes para a *Série*. É claro, que a gente não tem verba para dizer “Yo-Yo Ma, venha!”. Isso não existe. Então, na verdade, o Yo-Yo Ma, através de um produtor, está fazendo uma temporada no Brasil, a gente faz essa conexão e aí sim, convida para fazer uma apresentação no Teatro Castro Alves. Depende muito, esses espetáculos internacionais geralmente estão em turnê, estão na gíria, como eles falam, pelo Brasil, indo até o Uruguai e indo até Argentina. Em geral eles fazem esse percurso e a gente pega eles no meio do caminho para trazer para Salvador. O *Domingo no TCA* tem doze edições por ano. Das doze edições, praticamente metade é de espetáculos da casa. Então é Balé, Orquestra, NEOJIBA, os espetáculos do TCA.Núcleo, e a Escola de Dança da Fundação Cultural, porque temos um projeto que se chama *BTCA Memória*, onde, os alunos da Escola de Dança, montam um espetáculo do repertório do Balé. Nas outras seis edições, a gente vai www.producaoculturalba.net

pensando um pouco no que vai acontecendo na cidade. Por exemplo, o espetáculo *Os Cafajestes* bombando na cidade, terminando turnê, a gente foi lá, convidou eles para fazer no palco do TCA. Para você ter uma ideia do sucesso, teve que fazer duas edições e, se quisesse, fazia a terceira, porque tinha gente esperando desde cinco horas da manhã! Fizemos, por exemplo, o *7 Conto* com Luiz Miranda, teve *Namíbia, Não!*. Todos esses. Imagine: é teatro, que é uma linguagem um pouco mais difícil às vezes, mas com um poder de reunir um público enorme. Não são peças que estão sendo lançadas no projeto, sempre são peças que já estão na cidade e que tem aquela pessoa que nunca viu, que não vai ao teatro, não tem dinheiro mesmo para pagar R\$ 20,00. Muitas vezes, a gente fala “R\$ 20,00 é barato”, não, não é barato! Se a gente for pensar um pai, uma mãe, com dois filhos, que vêm ao *Domingo no TCA*, mesmo que esteja pagando um real ou cinquenta centavos, na hora que soma transporte de ida e volta, às vezes pega dois transportes para vir, dois para voltar, o cara vai gastar R\$ 20,00, isso para o orçamento dele e da família é muito, tudo isso a gente leva em conta. Então, o cara tem que vir para um espetáculo que ele já ouviu falar, que o amigo já foi, que está na cidade. Além dos grandes ícones, a gente fez aqui Luiz Caldas, Lazzo, Gerônimo, espetáculos realmente muito bonitos de se ver. O espetáculo que estou falando agora, não é nem o espetáculo que está no palco, mas essa junção do público com o artista.

13. Qual o perfil do público desses projetos?

Bom, o projeto da *Série TCA*, depois que a gente fez essa introdução de espetáculos mais contemporâneos, tem um público muito mais jovem. Nós sentimos isso, principalmente esse ano que a gente teve a Esperanza Spalding, o Yo-Yo Ma, o Pat Metheny, a gente viu que as assinaturas, que nesses últimos anos tiveram um decréscimo, esse ano elas dobraram. A gente sente que houve uma aceitação maior ou pelo menos uma compreensão maior agora, desse novo perfil da *Série*. A assinatura na época surgiu porque os espetáculos internacionais têm um custo maior e, quando foi criado há 18 anos, ninguém trazia. Simplesmente todas as orquestras, todos os balés, não vinham até Salvador. Passavam por cima. Às vezes iam para Recife, mas não vinham aqui. Então, foi criado realmente como forma de atrair os espetáculos para a cidade, porque, no caso, o Estado paga o cachê. Com o *Domingo no TCA* houve uma mudança muito grande. A gente tem relatos de pessoas que dizem que pela primeira vez pisaram no TCA. “Ah, agora a gente pode ir ao TCA!”. Tem gente que vira e fala “eu fico esperando todo mês para saber o que é que vai sair”. A gente tem o relato de um cara que é morador de rua e que ele vem ao TCA agora, então você vê que há uma grande mudança do público.

14. Como você percebe a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?

Eu sinto que existe essa preocupação das pessoas de deixar de ser tudo tão mambembe e passar mesmo a ser profissional. É o produtor cultural que tem que aprender a trabalhar com Excel (risos), dando um exemplo bobo, mas é verdade! A correr atrás das tabelas, de poder www.producaoculturalba.net

cumprir preços e não ser aquela coisa: “vamos fazer? vamos! Vamos fazer pelo amor e pela vontade”. Não, tem que fazer também com objetivo, com ajustes, com a captação. Profissionalizar, essa é a palavra de ordem, não só esse lado da produção e da gestão, mas profissionalizar também o cara que trabalha com cenografia. Eu tenho sentido que existe uma procura muito grande, tanto que aqui o Centro Técnico tem vários cursos, não só para o artista, mas curso para a formação, várias técnicas. É muito interessante que a pessoa possa adquirir mais esse crédito na sua ficha de currículo. A gente sente a procura. A gente vê a quantidade de cursos que têm surgido: como fazer um projeto, como captar, então realmente eu sinto que as pessoas estão correndo atrás da profissionalização. As pessoas que não melhoraram estão perdendo cada vez mais campo, cada vez mais espaço.

15. Como você avalia a organização da classe artística baiana? Qual a sua importância?

A organização é muito importante. Às vezes eu tenho pena, porque eu vejo que as pessoas se reúnem, mas mesmo assim é “o meu pirão primeiro”. Sinto ainda que as pessoas olham muito para o umbigo, mas sinto também que cada vez mais elas estão tendo a necessidade e a necessidade acaba criando realmente a importância dos movimentos. Acho legal também a iniciativa da Secult com a Fundação Cultural em relação à questão dos setoriais (Colegiados Setoriais das Artes da Bahia). Os setoriais realmente estão surgindo e chegando para ficar. As pessoas têm interagido bastante, eles trazem também um pouco do interior para, junto com a capital, lutar pela profissionalização, lutar pelos direitos e pelas necessidades. Eu vejo que a organização tem acontecido talvez em passos mais lentos, mas é muito pouco tempo de mudança. A gente está no caminho, é muito recente, são mudanças novas e profundas, no estilo, na vida das pessoas que são da área cultural.

16. O que você pensa sobre a crítica cultural baiana?

Falta crítica profissional, crítica por crítica a gente vê várias, mas, na realidade, a crítica profissional, aquela que sabe analisar uma peça do ponto de vista da cenografia, do figurino, são pouquíssimas, eu sinto muita falta. Então às vezes a gente vê que é só um mero “não gostei”, até não gostei por isso, isso e isso, mas não tem um aprofundamento técnico necessário para a melhoria, para uma crítica mais construtiva.

17. Que projetos, espaços ou profissionais você destacaria em termos de gestão cultural e/ou produção cultural na Bahia e por quê?

Inegavelmente o Vila Velha é um espaço muito interessante, porque ele se abre para apresentações, é um espaço muito bonito de você ver a quantidade de projetos que ele abriga. Adoro o Teatro Gamboa, que é um espaço físico super pequenininho, mas ele também tem foco, você sabe o que você vai ver ali. Admiro muito o trabalho do Rino Carvalho, Fernanda Tourinho, que trabalha no Teatro Jorge Amado. Na verdade, estou pensando aqui nessas pessoas que estou falando e eu acho que todas elas trabalham com amor, você vê assim o trabalho de Fernanda, de Rino, todo mundo correndo atrás para que tudo dê certo, com pouco www.producaoculturalba.net

dinheiro, pouca estrutura, mas a gente vê que todo mundo vai à frente porque pega aquilo ali, meio cachaça de vida, é o que lhe faz feliz, então a coisa sobrevive. Existem espaços e profissionais que você admira por diferentes motivos, tem o Chico Assis, do Solar Boa Vista. O Solar Boa Vista encontrou um caminho, um público, um caráter para o teatro. Ele surgiu na cidade. Mais ainda, é um espaço que hoje em dia a cidade toda conhece e abrange uma moçada muito interessante que vai lá porque se identifica. Tem o pessoal do Módulo com Vadinha Moura que já é outro público, o público da Pituba, que a gente não pode subestimar, é um público muito interessante e que gosta de um tipo específico de arte. Então existem vários espaços aqui que tenho toda admiração, o pessoal do Sesi, Sesc, Casa do Comércio... Não saberia destacar um somente porque tem muita coisa acontecendo. Existe uma grande produção, eu realmente acho que pode melhorar, claro! Mas eu acho que a produção existe, persiste e resiste.

***Entrevista realizada por Gabriela Guimarães, Stéfane Souto e Tainana Andrade, dia 27 de junho de 2013, no Teatro Castro Alves.**